

O LIBERTÁRIO

ANO I - NÚMERO 1

SÃO PAULO, BRASIL, OUTUBRO DE 1960

Antepor o livre exame ao dogma, e a liberdade a tôdas as coações, eis os princípios básicos do anarquismo.

AOS LEITORES

O aparecimento deste primeiro número de O LIBERTÁRIO, leva a nossa fraternal saudação a todos os companheiros, amigos e simpatizantes do movimento libertário do Brasil, e a promessa fiel, irredutível, de prosseguir incansavelmente a indômita luta empreendida pelos nossos mestres, no século passado, em defesa da liberdade e da fraternidade universal.

Para satisfazer o interesse demonstrado por um notável número de pessoas estudiosas interessadas em conhecer as soluções anarquistas para os problemas humanos, deveria ter saído uma revista que proporcionaria, evidentemente, maior volume de textos e comodidade indiscutível no manuseio contínuo e indispensável das matérias. Porém, inconvenientes que demandam algum tempo para serem superados, impediram, pelo menos momentaneamente, a saída da nossa querida revista.

Todavia, a necessidade imperiosa de manter sempre vivas as relações entre os militantes libertários, e a agradável correspondência que temos com os nossos amigos leitores e simpatizantes, fez com que nos decidíssemos a dar vida a estas modestas páginas que serão, sem dúvida, portadoras do pensamento anarquista na inquietante e conturbada época que atravessamos.

Em nada teremos de modificar ou atualizar os nossos postulados. Os anarquistas somos sempre atuais, porque não somos consequência de acontecimentos e muitos menos frutos de épocas. O anarquismo é uma interpretação real da vida humana; e embora não tenha sido experimentado em larga escala, a humanidade, entretanto, caminha para êle. Pretende suprimir as injustiças sociais e reduzir ao mínimo as imperfeições humanas. Busca aproximar os homens, criando-lhes uma nova personalidade, isenta de preconceitos e escoimada de superioridades absurdas. Prega a liberdade, a igualdade e a fraternidade, tendo por base os indeclináveis direitos e deveres das criaturas humanas. O anarquismo não é estático e nada tem de difícil ou misterioso. É sempre atual porque, fundamentado nas ciências naturais e positivas, estuda, acompanha e participa da estrutura e da evolução dos conglomerados humanos e da vida de relações dos mesmos. Sem desconhecer os efeitos, combate fundamentalmente as causas; por isso é radical, evolucionista e pela ação direta.

Há que ter em conta, para se inferir conclusões de certo alcance sociológico, que os fenômenos sociais que determinam essa constante histórica, portadora de todos os sofrimentos, de tôdas as injustiças que escravizam e martirizam os povos, ainda não foram removidos. Eles permanecem de pé, inalterados, fortalecidos na razão direta do fortalecimento do Estado, do clero e da autoridade política e militar.

Apesar do avanço deslumbrante e maravilhoso das ciências, apesar da progressão ciclópica da indústria e do comércio, apesar do aparecimento de credos e partidos democráticos ou totalitários, apesar das guerras e revoluções que continuamente se sucedem, as bases seculares onde assenta a extorsão e o desnivelamento social, não sofreram sequer um arranhão. Aí está a propriedade privada, fonte de todos os males; aí está a exploração do homem pelo homem, ignomínia que envergonha e envilece a raça humana; aí está o sistema monetário, viciado e corrompido, causador de todos os crimes, de toda a discórdia social e responsável direto da triste condição em que se encontra o proletariado. Estas causas, avoengas e milenárias, a grosso

A ORDEM

Com razão os gregos chamaram *kos-mos* à ordem, que significa *beleza, universo*. Efetivamente, a ordem é bela, belo é o aspecto da ordem e o universo é a ordem por excelência.

Nós, os socialistas anarquistas, amamos a ordem; somos anarquistas — se acreditará? — por amor à ordem; queremos que a sociedade seja o reflexo da harmonia que existe no universo.

Mas, em que consiste a ordem? É modo, forma, regra, disposição natural de cada coisa? Ou representará a obra de um pensamento soberano que a criou e a conserva?

Não discutamos com os teólogos e metafísicos de nosso tempo. Perguntemos aos burgueses, tão envaidecidos com os resultados da ciência moderna: Credes em um Deus que faz surgir o mundo dos céus e o dispõe para que sirva de admiração aos *inteligentes*? Resulta a ordem do universo das relações necessárias entre os seus componentes, grandes ou pequenos, átomos, moléculas, corpos; de relações constantes, enfim, e eternas, isto é, de leis naturais?

E por quê, perguntamos ainda, a ordem se revela também entre os seres inconscientes?

Eis aqui, diga-se o que se queira, nossa ciência ou fé social, nosso socialismo.

Nós estamos convencidos de que a sociedade é uma ordem resultante do desenvolvimento natural da humanidade. Cremos que a humanidade, como os animais, as plantas e os minerais, como tôdas as coisas, tem suas leis naturais. Cremos que não é obra de ninguém a criação e conservação da ordem.

Como o universo não necessita de Jehová, a sociedade não necessita de um rei, um presidente ou um ditador. Podemos viver, amar-nos, ser livres, sem dividir-nos em escravos e senhores, sem uma autoridade tutora.

Esta é, em poucas palavras, a parte positiva de nossas aspirações.

Se a ordem é uma disposição natural das coisas, é também negação do artifício ou da força que pretende garanti-la. Por esta negação nos pronunciamos nós.

A maior parte da humanidade, miserável, ignorante, oprimida, não vive, não se desenvolve naturalmente, "não está em ordem". A ordem a que é obrigada constitui um artifício, confessado como tal, é um vínculo, não uma forma. Não existe, pois, liberdade nem ordem, mas o império de uma força maior.

Esta força, este vínculo, é uma necessidade, dizem os economistas, os legisladores dos nossos tempos.

Do mesmo modo, São Tomás de Aquino achava necessária a servidão, e Aristóteles a escravatura.

Nós, pelo contrário, cremos no socialismo moderno que diz: "A autoridade não é necessária à manutenção da ordem; vivendo segundo as leis naturais teremos liberdade, ordem e sociedade".

JUAN LE VAGRE

modo aqui analisadas, perduram intatas, inconcussas, servindo ao tripúdio do rico sobre o pobre.

É para estas fontes de péssimas consequências que atenta o anarquismo. Dentro da barafunda tenebrosa em que vivemos, a filosofia anarquista deve ser conhecida e estudada por todos aqueles que, duma forma ou doutra, possam influir nos destinos da sociedade e mudar-lhe a estrutura.

O LIBERTÁRIO será uma contribuição anarquista para a solução dos amargos problemas que a humanidade sofre.

OS ESTUDANTES

Crônica de FEDERICA MONTESENY

Há que reconhecê-lo e proclamá-lo com certa satisfação: os estudantes estão hoje mundialmente à testa de todos os movimentos de protesto que se produzem no mundo.

Na Venezuela, em Cuba, na Coreia, na Turquia, no Japão, são eles os que determinam os formidáveis levantamentos das massas, as manifestações da opinião pública que, recorrendo à ação direta — e, está aqui por onde a ação direta é revalorizada por gente bastante alheia ao mundo anarco-sindicalista e anarquista! — determinaram resultados fundamentais.

A queda das ditaduras da Venezuela e de Cuba, deve-se a eles, principalmente. Synguram Rheed e o seu sistema não teriam afundado sem a ação heróica dos rapazes coreanos, desde os alunos dos Liceus — quase crianças — até os estudantes de grau superior. Na Turquia a ação dos estudantes pôs em perigo toda a armação social e política turca, e como ninguém sabia até onde poderia ter chegado a inquietação e o afã de renovação desta rapaziada sedenta de ares novos, Djemal Gursel surgiu a tempo de pará-los e garantir os interesses do capitalismo ocidental nesse país, ponte estendida entre a Europa e Ásia. Com isso, porém, não se fez outra coisa senão adiar um movimento de renovação que, dá à Turquia anelos e reivindicações sociais e políticas que não serão resolvidas por Gursel, servindo os ocidentais, e nem pelos comunistas, cujos ideais e métodos já foram superados por esta lúcida e culta juventude. No Japão, foram os estudantes os que, com o sacrifício da vida de muitos — entre os quais contam-se não poucas moças — deram, aos Estados Unidos, uma dura lição e criaram um problema político que arrastará Kishi e os interesses a ele vinculados. E de nada valerá pretender desorientar a opinião pública internacional, atribuindo toda essa agitação à influência comunista. No Japão, como na Turquia, trata-se de algo mais complexo, de perspectiva muito mais profunda do que uma simples manobra propagandística orquestrada desde Moscou.

É inclusive ignominioso que se pretenda enturvar e diminuir o sacrifício dessa moçada, com versões absolutamente distantes da realidade.

Na Espanha, é também a juventude estudantil, intelectual e obreira, atuando desde ângulos de projeções diferentes, a que atua e a que vai criando, pouco a pouco, um estado de opinião de inconformismo e de oposição ao sistema. Não podemos abster-nos de consignar estes fatos — e muitos outros que poderiam ser evocados em apoio da nossa tese — sobretudo em momentos como estes em que a juventude, através de "blousons noir", "edy boys", "curra", "pley boys", etc., pode dar de sua inquietação uma impressão muito diferente desta realidade.

A juventude ilustrada, estudiosa, consciente de sua missão no mundo, reergue o estandarte da juventude do século passado, daquela juventude revolucionária russa, da juventude romântica, da juventude inquieta e renovadora do começo deste século que tantos movimentos morais, políticos e sociais, determinou no mundo. Todas as revoluções do século passado e começos do presente, são obras dela. Vinte e um anos tinha Sofia Pirowskaia quando foi ao suplício, com todos seus companheiros. Vinte anos contava León Czalgosz, quando pagou com a vida a justiça feita sobre Mac Kínley dos massacres efetuados contra o proletariado de Boston. E os grandes poetas da revolução francesa? e os que a cantaram e morreram por ela, todos eram jovens. Jovens éramos também nós em 1936, quando, na Espanha, fizemos a nossa revolução. Tudo no mundo é filho da juventude, do empuxo, da fé, do entusiasmo de uma juventude realmente jovem que sente em si mesma, anelos e desejos de deixar marcados seus passos pela vida, fazendo algo de grande, de nobre e belo. A juventude recolhe o facho apagado e acende-o novamente. Muitos abandonarão a marcha, encrustando-se nas pequenas realidades da vida, desviando-se retidos pelo amor, a ambição, o medo. Porém, sempre, em cada grupo étnico, social e humano, haverá alguns que escalarão a cima, que não de chegar triunfantes a algum pico, que serão os primeiros na escalada para a consecução dos ideais. O sacrifício destes, pois todo ideal da juventude é generoso, tenderá sempre para melhorar e renovar o mundo. Do horror de uma década infernal na

SEJAMOS OTIMISTAS

Os anarquistas são otimistas por força das próprias convicções. Eles concluem sempre pelo lado bom, onde acham base para o mundo do futuro que idealizam. O otimismo é uma parte da energia empregada em suas iniciativas. E é ele ainda quem lhes dá a tempera para suportarem os dias amargos da incompreensão e do desatino dos déspotas.

Um dicionário moderno dá esta definição do anarquismo: «Doutrina baseada numa apreciação otimista da natureza humana, e segundo a qual se considera o governo ou a dominação como um mal absoluto». Incontestável.

O pessimismo é próprio dos vencidos. E dos egocêntricos, que desejam tudo a sua imagem e semelhança...

O anarquista vive no otimismo de suas convicções, na esperança sadia de um mundo melhor. Sem a mola do otimismo não haveria luta por reforma alguma.

O aparecimento deste pequeno órgão, é uma afirmação do nosso otimismo. E otimistas somos quanto ao seu futuro.

EFEMÉRIDES LIBERTÁRIAS

FRANCISCO FERRER Y GUARDIA

O dia 12 do corrente marcou o 51.º aniversário do bárbaro e repugnante fusilamento de Francisco Ferrer y Guardia, fundador da Escola Moderna, conhecida também como escola racionalista.

Ferrer, homem de consciência reta, de firme caráter e grande humanista, foi, sem sombra de dúvida, o precursor da renovação do ensino escolar. Seu método, livre de preconceitos e superstições, tendo como fundamento a investigação científica e a justiça social, reconhecia no estudante não apenas o aluno que deve aprender, mas também o indivíduo com personalidade própria, a qual devia ser respeitada e facilitada em sua completa formação.

A velha e tradicional disciplina escolar, eivada de truculenta e ilimitada autoridade que embotava e deformava a mente e a vontade da criança, fôra substituída, na escola de Ferrer, pela aproximação harmoniosa e respeito mútuo entre o mestre e o aluno e pelo livre intercâmbio de opiniões entre ambos.

Na pedagogia racionalista do grande mestre, não havia exames nem prêmios que pudessem, de qualquer modo, provocar invejas, despeitos, desânimos, para os de menor capacidade ou orgulho e presunção para os mais talentosos.

A Escola Moderna trazia a fraternidade implícita em cada texto, por isso desenvolvia na criança todas as boas qualidades que lhe são inerentes e preparava-a para um convívio harmônico dentro da sociedade humana.

Estes ensinamentos pulcros e sadios foram de imediato vistos

pelo clero como um perigo para o seu domínio maneiroso, absoluto e intolerante. E à medida que a escola Moderna penetrava franca e decididamente nas camadas populares da Espanha subjugada pelo vaticano, de igual modo crescia a trama venenosa e arguciosa do clero que, avidamente, buscava envolver em seu emaranhado de infâmias e mentiras a figura luminosa do grande mestre do ensino racionalista.

E, como o mal prolifera com maior facilidade e rapidez do que o bem, Francisco Ferrer foi caluniado, injuriado, prêsso, condenado e fusilado, por conta exclusiva do clero católico apostólico e romano. A 12 de outubro de 1909, no tenebroso castelo de Montjuy, Barcelona, Espanha, recusando-se a vender os olhos, olhando bem de frente a padres e militares ali presentes e antes de cair varado pelas mortíferas balas dos sicários, Ferrer pronunciou suas últimas palavras: "Muero mirando la cara de mis assassinos. Viva la Escuela Moderna!"

Recordando a Francisco Ferrer, nós, anarquistas de São Paulo, associamo-nos a todas as comemorações que os anarquistas de outras partes do mundo realizaram. E voltando as vistas para a Espanha triste, trágica e vilipendiada, saudamos os bravos combatentes libertários e anti-franquistas de dentro e de fora de Espanha, concitando-os a manter sempre viva a esperança de uma pronta libertação daquele povo, dos tentáculos do franquismo clerical.

P. DRINHO

qual naufragaram todos os valores humanos; de um estercorário de vícios e paixões desenfreadas que deram vida a essas monstruosas aberrações que se chamaram nazismo e facismo, teria saído, quicá, uma boa colheita de jovens esclarecidos. Porque esta moçada que hoje tem vinte anos, foi engendrada em plena guerra, em plena loucura, em pleno extermínio de povos inteiros. São os filhos da noite.

É justo, é normal, é natural que se encaminhem irresistivelmente para a luz.

Terrorismo e Anarquismo

Nos debates havidos na câmara dos deputados de Buenos Aires, por motivo da prisão do nosso companheiro Carlos Cristof, um representante da UCRI, sr. Monte, afirmou que a "Sociedad de Resistencia de Obreros Plomeros", estava influenciada por anarquistas e propensa a atos criminais.

Esta apreciação caluniosa identifica-se com a informação patronal e policial. Refutá-la, tendo em conta sua origem suspeita, seria dar-lhe validês ou tomá-la em sério. De outra parte, os grandes processos movidos contra a primeira internacional de trabalhadores, contra os mártires de Chicago, Sacco e Vanzetti e a Francisco Ferrer, para citar apenas os de maior repercussão internacional, demonstraram, inquestionavelmente, de que meios se vale a reação burguesa e estatal para perseguir o movimento operário e exterminar as suas figuras mais representativas, num torpe e criminal intento de deter o progresso social e humano. Não é nossa intenção voltar sobre êsses memoráveis processos e a infâmia que os inspirou. A história fez-lhes justiça, reivindicando as vítimas do ódio de classe, e execrando seus vitimários.

Nos interessa, isso sim, aclarar ante quem não nos conhece, o que é o anarquismo, ao qual se pretende confundir com o terrorismo criminal.

A nossa doutrina é, fundamental e essencialmente, inimiga de toda violência. Contrária a toda coerção física ou espiritual; propugnamos uma organização social baseada no mútuo e livre acôrdo, evitando todo princípio de autoridade. Rechassamos, por tanto, toda espécie de govêrno, seja êste constitucional, monárquico, revolucionário ou mesmo que invoque a representação do proletariado. Procuramos pôr em concordância os nossos fins com os meios de luta e de propaganda, estimulando a iniciativa individual e coletiva com o objetivo de criar personalidades e povos livres, cientes de sua responsabilidade social. Decididos partidários da ação direta, combatemos lealmente o parlamentarismo e toda forma de delegar poderes a terceiros.

Sumariamente expostos os princípios antiautoritários do anarquismo, só a incompreensão ou má fé, podem confundir-nos com o terrorismo criminal. A influência de certa literatura do século passado, como alguns atentados individuais realizados por anarquistas, especialmente na França, Espanha e Itália, durante o período de 1891 a 1894, originaram essa lenda criminosa que a burguesia e seus servos exploraram inescrupulosamente.

De que nas fileiras anarquistas, ao lado de homens de ciência, filósofos, pensadores, sociólogos e humanistas, haja também homens violentos, não é razão suficiente para sustentar que o anarquismo é sinônimo de atentado terrorista. Em todas as seitas ou partidos, isto é comum. Se nos determos a estudar os movimentos nacionais e fascistas dêstes últimos anos, demonstraríamos que a bomba, a pistola e a sabotagem organizada, não são produtos da doutrina anarquista.

Lembre-mo-nos com que alvôroço e ditirambos a maior parte da gente da ordem burguesa festejou o ajustiçamento do tirano Somoza. A iniciativa de designar alguma rua com o nome de Rigoberto Perez, o tiranicida, e a atitude do ex-embaixador uruguaio, negando-se a pôr a bandeira a meio pau, em sinal de luto, evidenciam como certos gestos individuais — que nós também reivindicamos — encontram eco e simpatia em todas as consciências amantes das liberdades.

Da mesma maneira que Eliseu Reclus, e outros anarquistas de prestígio, censuraram o atentado de Emilio Henry, decapitado por atirar uma bomba num café, não admitimos o atentado irresponsável que causa vítimas inocentes. Não somos tolstoianos, explicamos a violência como meio revolucionário circunstancial de defesa pessoal ou coletiva, sobretudo, quando expressa intuítos libertários.

Rechassamo-la porém, como sistema.

GREGÓRIO NASO

(De "La Protesta" de Buenos Aires).

Atualidade do Anarquismo

Há muita gente que procura demonstrar a inatualidade do anarquismo. Sonho irrealizável para uns. Falência histórica e irrevogável para outros. Inatuável e alheio à vida social para os demais...

No entanto, o anarquismo nunca foi tão atual na história dos homens como o é neste momento. As idéias basilares do anarquismo vão se impondo de maneira tão categórica e concreta, que, até mesmo sem nos apercebermos, a história caminha lentamente na direção exata do anarquismo. No campo do pensamento, de maneira particular, as tendências anárquicas são incontáveis. E é lógico que assim seja: o pensamento precede sempre a ação.

E somente quando o pensamento humano é animado pelo anarquismo é que se torna possível uma forma anárquica de convivência.

Dir-se-ia que a humanidade está animada pela intuição de que a única via de saída dêste lúbrico labirinto em que se agita é aquela que conduz à anarquia.

Isso deve-se ao fato de o pensamento humano de nossos dias ser sempre menos religioso e mais preocupado com a busca da verdade verdadeira de todas as coisas.

Já agora é coisa aceita como axioma incontroverso que a personalidade do indivíduo é o valor supremo da espécie nas sociedades humanas. E a preocupação dominante é aquela de encontrar formas capazes de harmonizar o respeito pela personalidade humana com os interesses coletivos de toda a sociedade.

Êsse é o grande debate ideológico que agita atualmente o gênero humano por toda parte, até nos países onde impera a brutalidade totalitária.

Isso demonstra e justifica o caso de Micoyan Djilas, na Iugoslávia.

E a desnecessidade do Estado, que constitui, agora e sempre, a idéia-fôrça exclusiva do anarquismo, manifesta-se amplamente em vastos campos do pensamento contemporâneo. E a desnecessidade do militarismo, ou melhor, a sua nocividade, que é também um dos postulados do anarquismo, influenciou a tal ponto o pensamento moderno que já se tornaram raros os pensadores sérios que não o tenham esposado. E isso em proporção tão elevada, que até certos govêrnos sugeriram a oportunidade de ser procedida a desmilitarização e o desarmamento geral como meio seguro de chegar-se à pacificação mundial.

Nunca, como neste momento, se manifestou tão intensamente o horror pela guerra, o descrédito e a maldição às competições armadas nos pronunciamentos do pensamento generalizado. Os cientistas mais célebres do mundo publicaram, ainda recentemente, manifestos anti-bélicos. E a aversão pela guerra foi sempre uma característica do pensamento anárquico.

O mais alto galardão internacional para a literatura — o prêmio Nobel — foi conferido a um escritor que todos consideram de tendências anarquistas.

E o internacionalismo, idéia tão característica do anarquismo, está se impondo de tal forma ao pensamento contemporâneo, que os próprios govêrnos, sempre tão essencialmente nacionalistas, vão sentindo a necessidade de ceder terreno à idéia internacionalista e, sob certos aspectos, pondo-a em prática.

Assim, todos os postulados-base do anarquismo se vão atualizando, no pensamento pelo menos, e vão se infiltrando lentamente nos costumes e nos anseios das sociedades humanas de nosso tempo.

A despeito dos maus e dos pessimistas.

EDGARD LEUENROTH

«ANARQUISMO - Roteiro da Liberdade» — A sair brevemente.

MOVIMENTO OPERÁRIO

Nêstes últimos tempos vem-se notando nos meios dos trabalhadores sindicalizados do Brasil, uma mentalidade algo diferente, mais evoluída, mais independente e mais decidida mesmo, quando chamados a dar solução às reivindicações por eles pleiteadas.

Não mais adormecem na longa espera das promessas que rastejam vagarosamente na complicada nomenclatura da burocracia trabalhista. Vinte e cinco anos de contemporizações demagógicas, foram mais que suficientes para que o proletariado se tenha dado conta do lôgro em que caiu, ao abandonar o sistema de luta de ação direta, para entregar-se, incondicionalmente, aos manejos dos carreiristas sindicais que fazem do sindicato a fonte direta do seu próprio bem estar. O operariado enredado que fôra na volumosa legislação trabalhista, perdeu totalmente a noção daqueles princípios doutrinários de emancipação, indispensáveis na sua luta de conquistas e defesa.

O trabalhador vai, aos poucos, readquirindo aquela antiga personalidade e aquela firmeza de critério que sempre fôra a característica marcante do operariado do passado, na sua luta direta contra o Estado e o patronato. Também os sindicatos estão perdendo, paulatinamente embora, aquela feição repulsiva de repartição pública, onde o associado não passava de um mero e estranho reclamante.

As diretorias, cujas atitudes vacilantes e indecisas foram sempre negativas, são, agora, impelidas para a frente pela atitude resoluta e corajosa dos trabalhadores conscientes que começam a vislumbrar a verdadeira luta sindical. Os movimentos grevistas que se vêm processando assiduamente, alguns com a duração de mais de 50 dias, revelam a nova posição tomada pelo operários. Entre outras, pode-se citar a greve geral da vizinha cidade de Santos, como prova irrefutável do que estamos dizendo. Nenhum motivo econômico interferiu na deflagração dêsse estupendo movimento que chegou a paralisar essa irrequieta cidade. Em solidariedade a 35 operários que foram abruptamente transferidos para outro estado, Santos reviveu, por 24 horas, páginas históricas do seu passado sindical e revolucionário de quando era cognominada de Barcelona Brasileira.

É o espírito libertário que começa a reflorir e ganha carta de alforria nas lutas proletárias. É a greve como única arma positiva que possuem os obreiros. É a ação direta que volta para os trabalhadores, de onde nunca deveria ter saído. É a alternativa que coloca o proletariado e o povo ante o eterno dilema de sua trajetória histórica. Ou se despersonaliza tornando-se massa dútil, maleável, àbilmente manejada e conduzida pela burguesia astuta e ladravaz, ou reconquista sua personalidade autônoma, independente, e penetra na refrega social como força viva e única criadora de toda a riqueza universal. Fatalmente é isto último que vai e deve acontecer. E a marcha empreendida pelos operários sindicalizados no afã de se libertarem do domínio da nova classe parasitária dos pelegos e carreiristas, vale por uma afirmação de princípios.

Embora haja quem diga que a história não se repete, aí está o proletariado voltando suas vistas para métodos e táticas que até há pouco tempo eram consideradas superadas.

A luta operária, portanto, não comporta sofismas, e quando o trabalhador nêles se envolve, paga-lhes tributos dolorosos.

PEDRO CATALLO

Centro de Estudos Prof. José Oiticica

(Avenida Almirante Barroso, 6 - Rio de Janeiro)

Estes nossos companheiros do Rio de Janeiro estão desenvolvendo uma série de notáveis conferências sob o título geral de:

— O QUE PODE FAZER A PISICANALISE POR VOCÊ?

Esta primeira série constou de 16 palestras, tôdas proferidas pelo Dr. Nilton Ferreira Josetti, psicanalista de enorme cultura e de reconhecida competência profissional.

A segunda série se comporá de 12 conferências, tôdas elas com

o título geral de: — PSICOLOGIA E PROBLEMAS DA ADOLESCÊNCIA.

O Centro de Estudos Prof. José Oiticica, tem planejado também um curso de palestras que obedecerá ao seguinte tema: — EDUCAÇÃO PARA OS PAIS — Organizará também seleta mesa redonda para debater o problema da JUVENTUDE TRANSVIADA.

Parabens aos companheiros do Rio.

Pela abolição do Impôsto Sindical

Tese apresentada no último Congresso Sindical pelo velho militante Edgard Leuenroth, delegado do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo.

Considerando que o impôsto sindical é uma resultante da intervenção inedita do Estado na vida dos sindicatos, representando, dessa forma, evidente atentado a sua autonomia;

Considerando que a história do movimento sindical brasileiro demonstra, de maneira clara e precisa, num quadro de objetividade convincente, que os sindicatos surgiram, desenvolveram-se e se articularam federativamente, desde o sindicato local, integrando-se nas federações e depois na Confederação Nacional, com tal eficiência, não somente no número e na atividade dos sindicatos, como na sua atuação consciente e produtiva, de forma que podiam ser equiparados aos mais importantes dos países mais avançados nesse setor, acrescentando a circunstância de contarem unicamente com seus próprios recursos, oriundos das contribuições livres dos sindicalizados;

Considerando que êsses sindicatos livres chegaram a reunir a maioria dos elementos de seus setores profissionais, tendo vida ativa, não apenas para os necessários movimentos de reivindicações imediatas como também para a obra indispensável de educação associativa, com o objetivo de formar consciências emancipadas, preparando assim unidades atuantes e não massas amorfas sujeitas a injunções de elementos mistificadores, como, infelizmente, se verifica em certos sindicatos, transformados em meros instrumentos das manobras de determinada política ministerial;

Considerando que a vida econômica dos sindicatos depende do impôsto sindical, com a agravante do estrangulamento de sua autonomia, e que isso anula a capacidade de iniciativa dos trabalhadores, desinteressando-os das atividades sindicais, sujeitas, como estão, à dominação ministerial;

Considerando que o impôsto sindical é apontado pelos trabalhadores como extorsão, a que se devem sujeitar, como um desfalque a seus salários.

Considerando, ainda, que o impôsto sindical tem oferecido oportunidade a malbaratamento de seus fundos por burocratas inescrupulosos, bem como para seu emprêgo em fins diversos e ainda em gastos injustificáveis; Patentear-se, conseqüentemente, a nocividade do impôsto sindical e a necessidade imperiosa de sua abolição, não podendo valer como razão para sua vigência a alegação de que é por meio dêle que os sindicatos mantêm o serviço de assistência social, visto como os trabalhadores já contribuem mensalmente para os institutos de previdência, para que êles realizem essa assistência.

Conclui-se, conseqüentemente, que os problemas criados com a submissão dos sindicatos ao controle ministerial e o estabelecimento do impôsto sindical colocaram o proletariado em face de uma situação de fato de tal magnitude que exige a máxima atividade no sentido de ser conseguida a liberdade sindical, de maneira que os sindicatos possam ser organizados, regulamentados e administrados pelos próprios trabalhadores.

O LIBERTÁRIO

Porta-voz do movimento anarquista brasileiro

Diretor responsável:
PEDRO CATALLO

Redação e administração:
R. RUBINO DE OLIVEIRA 85, 1.º
Caixa Postal 5739 - São Paulo

Assinatura anual: Cr\$ 100
Número avulso: Cr\$ 5

A velha guarda que nos deixa

É com profundo pesar que comunicamos o falecimento de dois velhos companheiros que se mantiveram sempre coerentes e sempre leais aos ideais anarquistas que abraçaram desde a juventude.

De Sorocaba, surpreendunos a dolorosa notícia da morte de nosso velho amigo e companheiro Joaquim Fernandes. Sua casa foi sempre o ponto de referência, a visita obrigatória para quem se dirigia a Sorocaba. A personalidade de Joaquim Fernandes e o seu temperamento sempre cordial e risonho, deixam em nós a lembrança de quem foi sempre bom e querido.

A sua família, que muito queremos e respeitamos, enviamos os nossos mais puros sentimentos.

Na madrugada do dia 23 de Julho p.p. faleceu o velho combatente libertário Francisco Cianci. Este companheiro, que iniciou a luta entre os anarquistas italianos, no começo dêste século, conservou ardorosamente suas convicções até o fim de sua vida.

Ainda há pouco, com os seus 74 anos, comparecia ao Centro de Cultura Social; participava com seus oportunos apartes, fazendo transparecer, claramente, a experiência do velho militante.

Participou de tôdas as campanhas empreendidas pelos anarquistas desde o começo do século; em favor de Italina, em favor de Francisco Ferrer, da revolução russa, de Sacco e Vanzetti e outras campanhas memoáveis. Editou várias vezes, em idioma italiano, o periódico anarquista "Alba Rossa", e colaborou em todos os jornais anarquistas do país. Ao seu filho Valter, e demais familiares, os nossos sentimentos.